

A *práxis* pastoral em tempos de pandemia Desafios ao estudo teológico

Renan Paloschi Zanandréa¹

Edimar Scopel²

Ari Antônio dos Reis³

Resumo: A pandemia da Covid-19 desafiou a *práxis* pastoral nos mais diversos campos o que, consequentemente, também desafiou o estudo teológico, dialogante com a reflexão pastoral. Na Itepa Faculdades, que tem como característica a reflexão da pastoral em todos os semestres do curso de bacharelado em Teologia, a pandemia fez com que a aplicação do método fosse adaptada. Neste trabalho, refletiremos sobre a realidade socioeclesial em tempo de pandemia. Na sequência, apresentar-se-á a Metodologia Histórico-Evangelizadora (MHE), método de reflexão da *práxis* pastoral da Itepa Faculdades, na disciplina de Metodologia e Prática Pastoral (MPP). Por fim, serão apontados alguns dos desafios da reflexão pastoral em tempos de pandemia, buscando compreender a realidade pastoral dos acadêmicos. A metodologia utilizada para a elaboração do presente trabalho foi exploratória quanto aos objetivos e bibliográfica quanto aos procedimentos. Portanto, as dificuldades originadas durante a pandemia da Covid-19 desafiaram a prática pastoral e a reflexão da mesma nos estudos teológicos. Disso surgiram novos meios de evangelização e novas formas de aplicar a metodologia de reflexão da prática.

Palavras-Chave: Pandemia. Teologia. Pastoral. *Práxis*.

INTRODUÇÃO

O texto que segue tem por objetivo refletir a influência da pandemia da Covid-19 na *práxis* pastoral⁴ dos acadêmicos do Curso de Bacharelado em Teologia da Itepa Faculdades, situada na região norte do Rio Grande do Sul, cidade de Passo Fundo, tendo como área de abrangência também o oeste catarinense e o noroeste paranaense. Seguindo este referencial será apresentado, em primeiro momento, uma leitura da pandemia e sua influência na sociedade e na ação da Igreja.

Em seguida refletir-se-á sobre as dificuldades no exercício da atividade pastoral dos acadêmicos, como ordinariamente concebido, pela necessidade de cuidado pessoal e dos interlocutores da ação evangelizadora, devido ao alto risco de contaminação. Tal necessidade protetiva, que implicou no afastamento parcial ou total dos acadêmicos dos lugares de

1 Licenciado em Matemática e bacharel em Filosofia (Universidade de Passo Fundo); bacharelado em Teologia (Itepa Faculdades).

2 Bacharel em Filosofia (IFIBE); bacharelado em Teologia (Itepa Faculdades).

3 Mestre em Teologia Pastoral (Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção); professor na Itepa Faculdades nas áreas de Metodologia e Prática Pastoral e Revelação.

4 Compreendemos o conceito de *práxis* pastoral na perspectiva da mesma pastoral como objeto de reflexão em diálogo com a teologia.

ação pastoral, trazia também o risco de empobrecimento da reflexão teológica realizada na Faculdade, histórica e transversalmente articulada com a ação pastoral.

No terceiro momento, serão apresentados os desafios que o referido contexto sugere, compreendendo que tais desafios dizem respeito à prática pastoral, à reflexão a partir da mesma e aos aportes à reflexão teológica do curso de Bacharelado em Teologia pela comunidade acadêmica.

1 PANDEMIA E REALIDADE SÓCIO-ECLESIAL

A pandemia exigiu mudanças na vida de pessoas em quase todo o mundo. No âmbito civil, as restrições de circulação e aglomeração, o uso de máscaras e a higienização das mãos passaram a integrar a rotina. Na vida eclesial, também foram necessárias mudanças. Cancelar e reinventar são verbos que têm marcado a vida eclesial nesse tempo de pandemia e, consequentemente, interferem na ação evangelizadora.

A pandemia também revelou outras enfermidades da vida social. Muitas mazelas se tornaram evidentes e tantas outras feridas foram abertas. Nos deparamos com uma sociedade, enferma, empobrecida e confusa. Somos desafiados a considerar este cenário na missão evangelizadora.

1.1 SOCIEDADE ENFERMA

A pandemia da Covid-19 revelou a realidade de uma sociedade enferma. Foi o fato extraordinário conhecido no final do ano 2019, como uma possibilidade remota e experimentada nos primeiros meses de 2020 com algo concreto, que estava contaminando muitas pessoas, especialmente idosos, gerando grande morbidade. Começou-se a viver um tempo de medo e insegurança, que foi também um alerta para toda humanidade. Como expressa o Papa Francisco,

A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. Mostra-nos como deixamos adormecido e abandonado aquilo que nutre, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade. A tempestade põe a descoberto todos os propósitos de “empacotar” e esquecer o que alimentou a alma dos nossos povos; todas as tentativas de anestesiá-los com hábitos aparentemente “salvadores”, incapazes de fazer apelo às nossas raízes e evocar a memória dos nossos idosos, privando-nos assim da imunidade necessária para enfrentar as adversidades (2020, [s.p.]).

A pandemia emergiu em sequência a “outras enfermidades” da sociedade, com as quais faz-se necessário o confronto. Na *Encíclica Laudato Si'* o Papa Francisco denunciava a enfermidade planetária (cf. LS 2), geradora de outras anomalias e a necessidade da mudança da forma de conduta humana em vista da recuperação da sanidade do Planeta (cf. LS 202).

A pandemia da Covid-19, atingiu praticamente todos os países. Todavia, o grau de propagação da doença relacionou-se com a rapidez e amplitude na adoção de medidas protetivas em vista de frear a sua disseminação.

Foi comum o pedido para que se evitasse aglomerações. A atitude de “ficar em casa” revelava o compromisso com o autocuidado, o cuidado do outro e a colaboração que a enfermidade não se disseminasse devido à comprovada celeridade na contaminação. Não se tinha muita certeza sobre a estruturação genética do vírus, mas sabia-se do seu grande potencial transmissivo. O uso de máscaras para autoproteção e a higienização das mãos, evitando a contaminação, são iniciativas simples e de grande eficácia, mesmo com a resistência de algumas pessoas em adotá-las.

O compromisso de evitar aglomerações humanas implicava na suspensão de qualquer atividade que exigisse a proximidade com grande quantidade de pessoas. Então, as atividades econômicas, religiosas, de lazer e entretenimento foram suspensas. Com isso sobrevieram as consequências em diferentes contextos. Foi expressiva no caso do Brasil, a sobrevalorização da letalidade da pandemia demonstrada na expressão “gripezinha”, que impediu um preparo maior e uma ação mais articulada, sobretudo dos entes federados, para o seu enfrentamento.

A diminuição das atividades nos diferentes segmentos da economia aumentou o contingente de desempregados, que já era alto antes da pandemia. Muitas pequenas organizações empresariais não resistiram pelo fato de ficarem tanto tempo fechadas ou com restrições de atividades. De uma forma leviana setores do governo e sociedade que defendiam a abertura geral, sobretudo do comércio, colocaram o falso dilema entre a economia e a vida das pessoas, como se não houvesse propostas alternativas. Muitos países mostraram como as diferentes iniciativas poderiam abrir um leque de opções em vista da garantia da sobrevivência financeira das empresas e cuidado humano, em tempos de grande enfermidade.

A enfermidade social foi vivenciada no seio de muitas famílias quando a doença atingiu seus membros. São duas travessias muito difíceis. A primeira diz respeito ao acompanhamento da pessoa enferma, restrito, sem a proximidade física e sem assistência religiosa. A segunda refere-se ao enfrentamento da morte. Normalmente é difícil para o ser humano lidar com situações de perda de familiares e amigos. Entretanto, a morte repentina de entes queridos surpreendeu muitas famílias, já abaladas pela restrição ao acompanhamento durante a enfermidade. A situação de luto foi agravada pela limitação dos ritos de despedida e da assistência religiosa o que é muito importante nesses momentos.

A sociedade enferma e enlutada também vive a realidade da miséria e da pobreza. Um indicativo desta informação é o número de pessoas que tentaram acessar o “Auxílio

Emergencial”⁵. Ali não estavam somente os desempregados e ligados à economia informal, impedidos do exercício de suas atividades, mas também um grande contingente de pessoas em situação de exclusão social, os descartados da sociedade de mercado, segundo o Papa Francisco (cf. EG 53). A busca pelo Auxílio Emergencial mostrou um Brasil escondido, com sérias dificuldades em sobreviver, agravadas pela sequência da pandemia e pela negligência de governantes no trato das questões sociais.

Desde 2018 tem se alertado para o risco de o Brasil voltar ao Mapa da fome, do qual saíra em 2014. O Mapa da Fome é um levantamento feito e publicado pela ONU (Organização das Nações Unidas) sobre a situação global de carência alimentar. Um país entra nesse mapa quando a insegurança alimentar ou nutricional afeta 5% ou mais de sua população. Tudo indica que a fome passa a ser uma realidade em nosso país (Cf. REDAÇÃO RBA, 2021, [s.p.]).

1.2 OS DESAFIOS ECLESIAIS E TEOLÓGICOS

A experiência de vida comunitária através da participação nos diferentes ritos litúrgicos, canal de vivência da fé cristã, também foi afetada pela pandemia. Em março de 2020 sugeriu-se o fechamento das igrejas aos cultos pelo fato de reunirem grande quantidade de pessoas em ambientes fechados. Isto trouxe crise, porque interferia num dos pilares da fé cristã. Segundo Lopes,

da noite para o dia, o isolamento antes desaconselhado passou a ser preconização ordinária como medida ao alcance de todos para conter o avanço da covid 19. Parece certa esquizofrenia que leva, não poucas vezes, as pessoas a dizerem: afinal, é para isolar ou formar comunidade? (2020, p. 184).

A orientação chegou em tempo litúrgico quaresmal (2020) e perdurou por muitos meses. As comunidades foram desafiadas a manter os canais de diálogo por meio das redes sociais, ao mesmo tempo em que se incentivava o fortalecimento das igrejas domésticas com farta produção de material pelas dioceses e pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Mesmo com tantas propostas e exercício da criatividade colaborativa, fomos “mexidos” na forma de explicitação da fé por meio da liturgia. O cristão reza com todo o corpo, com todos os sentidos e a pandemia limitou estes canais de participação litúrgica. Além da limitação da participação dos atos religiosos, quando se tem a oportunidade de se fazer presente é com uma série de restrições. Por outro lado, viu-se muitos exageros e compreensões equivocadas da vivência cristã, sobretudo quanto à liturgia. A necessidade de encontrar outros caminhos para o cultivo da fé trouxe também equívocos.

5 Programa do Governo Federal que visa auxiliar as pessoas que perderam ou reduziram sua renda durante o tempo da pandemia, com ajuda de valores mensais.

As lideranças católicas foram conclamadas ao diálogo social e colaborativo. Neste caso, louva-se a sobriedade da CNBB e dos bispos diocesanos em compreender a gravidade do momento e orientar o povo católico quanto ao seguimento das orientações das autoridades constituídas. Infelizmente muitos presbíteros e lideranças leigas não compreenderam as orientações e usaram dos púlpitos e redes sociais para semear a divergência, a partir de uma compreensão limitada e equivocada do exercício da cidadania e do compromisso da fé. Compreendemos que tais atitudes foram contrárias ao Evangelho, porque não visavam a preservação de vidas, mas a satisfação de uma compreensão de fé intimista e descompromissada. Em contraponto a isso, a Campanha da Fraternidade 2020 sugeria o cuidado com a vida a partir do lema: “viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (cf. Lc 10,33-34).

Na perspectiva da teologia dos ministérios, via-se também a leitura limitada do exercício presbiteral apenas no culto, enquanto a realidade de pandemia exigia muitas outras frentes de trabalho do presbítero, contribuindo com a missão da Igreja como mãe samaritana e misericordiosa, aquela que sai para cuidar da vida ameaçada.

Os tempos de pandemia exigiram da Igreja a reinvenção constante, primeiramente quanto à possibilidade de continuidade da ação evangelizadora em um ambiente que exigia muitos cuidados e no qual os protagonistas da ação encontravam-se isolados em vista do cuidado com a sua sanidade física. O impedimento do contato físico exigiu o telefonema, a mensagem por *WhatsApp*, *e-mail* ou *Facebook*. É necessário que as pessoas se sintam ligadas à sua comunidade, mesmo que virtualmente. E cabe respeitar a forma como cada um tem vivenciado esse tempo difícil.

Surgiram muitas preocupações quanto à sustentação financeira da missão eclesial. O contato pessoal com a comunidade dos crentes é fundamental, porque por ali perpassa a missão da Pastoral do Dízimo, fonte tradicional de sustentação da atividade evangelizadora. As tantas promoções arrecadatórias foram suspensas. Muitas comunidades que faziam uso dessas promoções como meio de contribuição para sua sobrevivência ficaram sem este canal, dificultando ainda mais a sua sustentação.

Outra dificuldade que surgiu, que já era constante na estrutura injusta e desigual do Brasil, foi o aumento do contingente de pobres e miseráveis. A Igreja se viu provocada a intensificar as ações de cuidado e atenção com os empobrecidos por meio de ações próprias ou articuladas com outras igrejas e entidades da sociedade civil. Aqui se viu um caminho concreto de viver a intensidade da opção pelos pobres em sintonia com Jesus, aquele que se fez pobre para nos enriquecer (cf. BENTO XVI, 2005, [s.p.]) e sugere o critério de sentido da vida cristã (Mt 25,31ss). Deu-se com maior urgência o tempo de cuidar dos que caíram à beira do caminho, untando suas feridas com o óleo da misericórdia (MV 15) e lembrando que, criados à imagem e semelhança de Deus, têm o direito, legado do ato criador, de viver com dignidade.

A pandemia foi uma surpresa para toda humanidade e para os cristãos. Diante de um contexto de dor e sofrimento, caracterizado em uma sociedade enferma e enlutada, fomos provocados a revermos nossos critérios de ação e a exercitar a paciência, não acomodada,

mas ativa, visualizando outras possibilidades de evangelizar e cuidar da vida profundamente ameaçada.

O cuidado para com a prática pastoral evangelizadora, riqueza da Igreja e dos cursos de teologia, pela dificuldade do exercício das atividades ordinárias, nestes tempos de pandemia, exigiu o repensar dos parâmetros pela necessidade do agir pastoral.

2 PANDEMIA: NOVOS DESAFIOS PARA A REFLEXÃO TEOLÓGICA DA PASTORAL

As mudanças no campo sócio-ecclesial afetaram também a reflexão teológica. Na Itepa Faculdades, que tem como uma das características principais a prática refletida da pastoral, o estudo precisou se reinventar. Como estudar a pastoral se não se podem fazer atividades pastorais regulares? Quais os desafios surgem?

Para tentar responder essas e outras questões, vamos primeiro compreender o que é a reflexão da prática pastoral na Itepa Faculdades, começando por um estudo sobre a Metodologia Histórico-Evangelizadora (MHE), passando pela *práxis* pastoral na disciplina de Metodologia e Prática Pastoral (MPP) e, por fim, olhando para alguns desafios para a reflexão pastoral em tempos de pandemia.

2.1 A METODOLOGIA HISTÓRICO-EVANGELIZADORA (MHE)

O Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo⁶ nasceu em 1983, num contexto de severas mudanças e crises sociais. Nasceu, em grande medida, para atender “[...] aos clamores juvenis dos candidatos ao presbiterado oriundos do interior do Estado [do RS] e que se sentiam distantes e alheios às realidades de suas áreas pastorais” (ITEPA FACULDADES, [s.d.], [s.p.]). O instituto nascente “[...] passou a orientar a formação por uma nova metodologia de reflexão teológico-pastoral, que integrava tanto a tradição teológica quanto a leitura contextualizada dos ‘sinais dos tempos’ (Mt 16,3; GS 4; UR 4; PO 9; AA 14)” (ITEPA FACULDADES, [s.d.], [s.p.]), valorizando, também, o protagonismo dos leigos e dos religiosos.

Desde os primórdios, a Itepa Faculdades teve por um de seus princípios “a referência à prática pastoral como fonte permanente de observação e reflexão” (BENINCÁ, 2002, p. 55). Assim, diante dos anseios quanto à prática pastoral e sua reflexão, “o projeto que deu origem à Metodologia Histórico-Evangelizadora [MHE], foi implantado no primeiro semestre de 1993, nas turmas do 1º e 2º anos de Teologia” (BENINCÁ, 2002, p. 60), sugerindo que as disciplinas teóricas de pastoral se convertessem em sessões de estudo das práticas pastorais dos acadêmicos. Tal mudança curricular, que deu origem à disciplina de Metodologia e Prática Pastoral (MPP), mudou a forma de ensino e de relação com as comunidades nas quais os discentes realizavam a atividade pastoral.

6 Nome que manteve até 2004, quando passa a ser mantido pelo Instituto de Teologia e Pastoral – Itepa e adota o nome de Faculdade de Teologia e Ciências Humanas – Itepa Faculdades.

Atualmente, a disciplina de MPP, que “concretiza” o projeto da MHE, é ministrada nos oito semestres da graduação, como articuladora da interdisciplinaridade, aliando a teoria⁷ à prática refletida da pastoral.

A disciplina de MPP dá vida aos quatro passos fundamentais da MHE: observação, registro, sessão de estudos e re-encaminhamento para a prática. Pela observação, “[...] o agente de pastoral compreende a ação como uma atividade complexa e enriquecedora, não como uma ação corriqueira e despida de desafios” (REIS, 2008, p. 124). Por ela, o agente penetra na profundidade do cotidiano do local onde está inserido. Além disso, o agente não olha “desde fora”, mas tem o olhar de quem está inserido naquela comunidade, de modo que também ele é objeto de observação. Assim, a observação busca manter unidos o rigor científico e a mística.

O segundo passo a ser trabalhado é o registro, que não é um relato impessoal do acontecido, mas consiste na rigorosa, profunda, fiel e orante documentação do processo pastoral observado. O registro contempla o comportamento do agente, dos demais sujeitos envolvidos, os elementos conjunturais e as perspectivas. Desse modo, a observação realiza a crítica dos próprios procedimentos e olha para os outros com um olhar de “pastor” comprometido.

No terceiro passo, normalmente realizado em sala de aula, acontece a sessão de estudos, onde docentes e discentes partilham, de modo especial pelo registro, as experiências vividas. É o momento teórico do processo, “trata-se do ato de compreender a prática à luz de uma determinada teologia” (REIS, 2008, p. 135). O registro é analisado desde critérios pré-definidos, como a aparição do agente, da comunidade, do contexto e da graça divina. Os questionamentos advindos da análise são aprofundados, quando possível, na própria sessão de estudos. Quando não é possível, é encaminhado para a disciplina específica dentro da grade curricular ou, ainda, para um novo estudo com assessoria especializada. Em alguns casos pode-se solicitar ao agente que faça observações mais aprofundadas.

Por fim, dá-se a elaboração de relatórios, “que descrevem o que aconteceu na sessão de estudos, a reflexão, os encaminhamentos” (REIS, 2008, p. 138). Tal relatório é lido na aula seguinte. Ele reúne as principais discussões e trata-se de uma verdadeira produção teológica. Mas o relatório não é o fim do processo, “é o retorno à prática com uma nova luz teórica, ou seja, com uma nova compreensão. O retorno à prática não significa o término do processo, mas o retorno à observação, registro e sistematização” (BENINCÁ, 2002, p. 70).

2.2 A PRÁXIS PASTORAL NA DISCIPLINA DE MPP DA ITEPA FACULDADES

A realidade pandêmica alterou profundamente todas as relações sociais. Diante desse novo cenário, como seguir com a disciplina de MPP se não podíamos mais estar fisicamente nas paróquias e nos demais campos de atuação pastoral? Como seguir com a disciplina se

⁷ No primeiro e segundo semestre, a reflexão teórica volta-se para os Fundamentos da MHE; no terceiro e quarto, para o planejamento pastoral e a elaboração do Plano Pessoal de Pastoral (PPP); no quinto e sexto, para coordenação de eventos; e, nos dois últimos, para a missão.

ainda não entendíamos direito o que fazer e nossas igrejas permaneciam com as portas fechadas? Como seguir com os trabalhos se nossa vida pastoral está drasticamente reduzida?

Esses e tantos outros questionamentos colocaram o processo pretendido pela Itepa Faculdades em crise. Entrava em crise pois o seu objeto central, que até o momento lhe era bastante claro, agora parecia perdido ou, ao menos, estava escondido e precisava novamente ser desvelado.

Se, por um lado, tanto a equipe pedagógica, quanto professores e alunos se questionavam sobre como continuar o processo, por outro, a base teórica já estabelecida e a afinidade da Instituição com a metodologia adotada permitiram que o processo fosse retomado, agora revelado em novas facetas. Para o nosso trabalho, destacamos três aspectos que nos chamaram atenção:

1) O registro depende da realização de uma experiência pastoral e a sua consciente reflexão. Era consenso, ao menos entre os discentes, a necessidade da ligação com uma paróquia, movimento, instituição, congregação ou outro semelhante para a realização da atividade pastoral. Agora, viu-se a possibilidade de os seminários, onde os seminaristas residem, as casas religiosas, lar das religiosas e as casas de famílias também serem locais da efetivação da atividade pastoral. As atividades cotidianas, a convivência fraterna, a caridade, a oração familiar, a doença e a saúde, as angústias e as alegrias do dia a dia passaram a ocupar as páginas dos registros e as sessões de estudo.

2) A sala de aula tornou-se o lugar onde estávamos. Não ignorando os desafios pedagógicos advindos daí, viu-se a possibilidade de enriquecer a reflexão acerca do momento vivido, das práticas pastorais e dos clamores vindos da realidade sócio-eclesial. Além disso, aproveitou-se desse momento para contar com a colaboração de diversas pessoas “de fora” de nossa realidade acadêmica, o que não seria feito sem dificuldades em situações “normais”. Disso, no ano de 2020, viabilizou-se: o encontro com o arcebispo e os bispos das dioceses mantenedoras da Faculdade; a reflexão sobre a VI Semana Social Brasileira, com Dr. Armando de Negri; sobre o cuidado da vida na Doutrina Social da Igreja, com Dom Ricardo Hoepers; sobre as pastorais sociais, com Roberto Malvezzi, “Gogó”; e sobre a vida pós-pandemia, com o Pe. Antonio de Lisboa Lustosa Lopes.

3) Por fim, os aprendizados advindos das novas práticas. Fazer teologia nesse tempo exigiu de todos repensar o uso das metodologias, dos meios e tecnologias utilizadas na prática pastoral e em sala de aula. Por um lado, exigiu de todos paciência para viver esse tempo. Doutro modo, exigiu que a esperança fosse renovada. A esperança que não nos desespera, mas nos lembra o compromisso ininterrupto no anúncio do Evangelho, a esperança que nos permite sonhar com dias melhores e com a salvação integral do homem. Esperança que se encontra, em última instância, n’Aquele que é o centro da fé cristã, o início, o centro e o fim de todo estudo teológico: Jesus Cristo.

2.3 DESAFIOS DA REFLEXÃO PASTORAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Diante de todo esse cenário, quais são os desafios para o estudo teológico neste tempo de crise? Como fazer teologia pastoral sem um contato direto com as atividades pastorais “normais”?

Para fazer uma teologia que esteja realmente ligada à vida das pessoas, é preciso olhar para a realidade, fazer a devida reflexão e dar os encaminhamentos necessários para um trabalho pastoral condizente com o contexto vivido. Nesse sentido, toda reflexão teológica exige uma crítica social. A economia, a política, a cultura, enfim, todos os aspectos da vida social precisam estar a serviço da vida. Vivemos um tempo difícil, de uma verdadeira cultura de morte, onde a morbidade pelo descaso com a vida é altíssima. A *Gaudium et Spes* destacava homicídio/aborto, genocídio, eutanásia, suicídio assistido, mutilações, tormentos corporais e mentais, violação das consciências, prisões arbitrárias, deportações, escravidão, prostituição, comércio de mulheres e jovens, situações de trabalho degradantes, como exemplos da cultura de morte que marca a sociedade moderna (cf. GS 27). No tempo em que vivemos, em meio à pandemia da Covid-19, essa cultura se agrava ainda mais. Isso se observa a partir de diversos pontos de vista, mas o mais evidente é a mortalidade pela doença, o descaso com as famílias que perderam seus entes, a falta de cuidado com o próximo, o aumento do desemprego, a falta de acesso à saúde, entre outros. Isso indica a importância de uma necessária crítica social.

Seguindo essa linha, a pastoral precisa prezar pelo cuidado com o próximo. A reflexão teológica sobre a pastoral deve considerar a dignidade da pessoa humana como princípio e fundamento, o que provoca para uma prática que também siga essa linha de pensamento. Para isso, é preciso levar em conta a integralidade da pessoa, que é material, ligada a este mundo, e é espiritual, aberta à transcendência (CDSI 129). Esse cuidado só é possível por meio da caridade: a invisível, aquela que se pratica por meio da oferta e da oração; a intelectual, que é aquela que ilumina o próximo por meio dos escritos, da palavra, dos exemplos; a coletiva, que busca tratar das condições de vida de cada ser humano; e, por fim, mas não menos importante, a caridade interpessoal, que é a manifestação mais imediata, mais concreta do amor. Em resumo, são necessários o cuidado físico e o cuidado espiritual. É dever da teologia refletir sobre como atuar pastoralmente para que se atinja esse objetivo e, desse modo, provocar para a prática que atenda a todos esses aspectos da caridade (cf. BERNARD, 2014, p. 132).

Na Itepa Faculdades a opção pela reflexão pastoral no tempo de pandemia se manteve. Cada acadêmico seguiu a reflexão a partir de sua realidade. Por meio dos estudos, os professores auxiliaram os acadêmicos no processo de inserção pastoral em meio à pandemia. Alguns seguiram seus trabalhos pastorais via internet, outros mudaram sua atividade e seguiram por pastorais voltadas mais ao cuidado com os que mais precisam durante a pandemia, outros ainda precisaram descobrir a pastoral familiar ou nos seminários e casas religiosas. Essas diferentes iniciativas foram fontes de reflexão teológico-pastoral em tempos de pandemia.

CONCLUSÃO

A pandemia da Covid-19 mudou a rotina da grande maioria das pessoas. A vida social passou por uma série de transformações, onde as restrições de circulação, a higienização frequente das mãos e o uso obrigatório de máscara entraram na rotina dos brasileiros e de pessoas no mundo todo. A realidade de miséria aumentou, o número de desempregados subiu, enfim, o descaso com a vida, em muitas situações, ficou evidente.

Na Igreja não foi diferente. As restrições quanto às aglomerações exigiram uma nova postura quanto às celebrações e eventos. As primeiras precisaram ser restritas a um número reduzido de pessoas, foi necessário reinventar-se para transmitir as celebrações pelas mídias sociais. Os segundos foram cancelados, em sua grande maioria, ou transformados em atividades *drive-thru*.

A nível de estudos teológicos, a mudança também foi necessária. Na Itepa Faculdades precisou optar-se, primeiro, pelo ensino remoto, com aulas ao vivo, mas via internet. Num segundo momento, a disciplina de Metodologia e Prática Pastoral (MPP), que tem como base a Metodologia Histórico-Evangelizadora (MHE), também precisou seguir novos caminhos. Os alunos sem atividades rotineiras de pastoral, exigiram esforço da parte dos professores para repensar o encaminhamento da disciplina. A solução foi reinventar a pastoral, olhando para a vida em família, nos seminários e casas religiosas, ou mesmo pela internet.

Porém, acreditamos que a pandemia não é para sempre. Para a teologia fica o compromisso de repensar a prática pastoral para o pós-pandemia. Do ponto de vista da Itepa Faculdades, o desafio está em refletir a ação pastoral por meio da disciplina de MPP, seguindo os passos da MHE. Assim, os acadêmicos, ao voltar à prática pastoral, já podem observar a realidade, fazer seus registros, levar para a sessão de estudos e, a partir da reflexão em sala de aula, re-encaminhar para a prática. A partir dessa presença dos acadêmicos nos diversos campos de pastoral, será possível ter um retorno sobre a realidade que se vive e, com isso, dar passos na reflexão, provocando para uma prática condizente com as necessidades de cada lugar.

REFERÊNCIAS

BENINCÁ, Elli. O Itepa e a Metodologia Histórico-Evangelizadora. *Caminhando com o Itepa*, Passo Fundo, ano 19, n. 64, p. 54-79, abr. 2002. Disponível em: <http://itepa.com.br/2002/04/01/revista-cci-edicao-64/>. Acesso em: 1 mai. 2021.

BENTO XVI. *Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe: Discurso do Papa Bento XVI*. Vaticano: LibreriaEditrice Vaticana, 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html. Acesso em: 2 mai. 2021.

BERNARD, Charles A. *Introdução à Teologia Espiritual*. Trad. Pier Luigi Cabra. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*: sobre a Igreja no mundo de hoje [GS]. In: CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Documentos do Concílio Ecumênico*

Vaticano II. Tradução da Tipografia poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997. p. 539-661. (Coleção Documentos da Igreja).

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'* [LS]. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

FRANCISCO. *Exortação apostólica EvangeliiGaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual [EG]. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FRANCISCO. *MisericordiaeVultus*: bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia [MV]. Vaticano: LibreriaEditrice Vaticana, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html. Acesso em: 7 mai. 2021.

ITEPA FACULDADES. *Quem somos*. Disponível em: <http://itepa.com.br/quem-somos/>. Acesso em 01 mai. 2021.

LOPES, Antonio de L. L.. Desde o pó - a paróquia na periferia. *Caminhando com o Itepa*, Passo Fundo, ano 37, n. 128, p. 179-195, jun. 2002.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* [CDSI]. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). 7. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

REDAÇÃO RBA. Número de pessoas com fome vai a 19 milhões, e insegurança alimentar dispara no Brasil. *Rede Brasil Atual*, 2021. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2021/04/pessoas-com-fome-19-milhoes-inseguranca-alimentar-dispara-no-brasil/>. Acesso em: 3 mai. 2021.

REIS, Ari A. Alcances e desafios da MHE. In: MEZADRI, Ari; BALBINOT, Rodinei (Orgs.). *Metodologia da Ação Evangelizadora*: uma experiência no fazer teológico-pastoral. Passo Fundo: Berthier, 2008.